

ANGÉLICA
LOPES

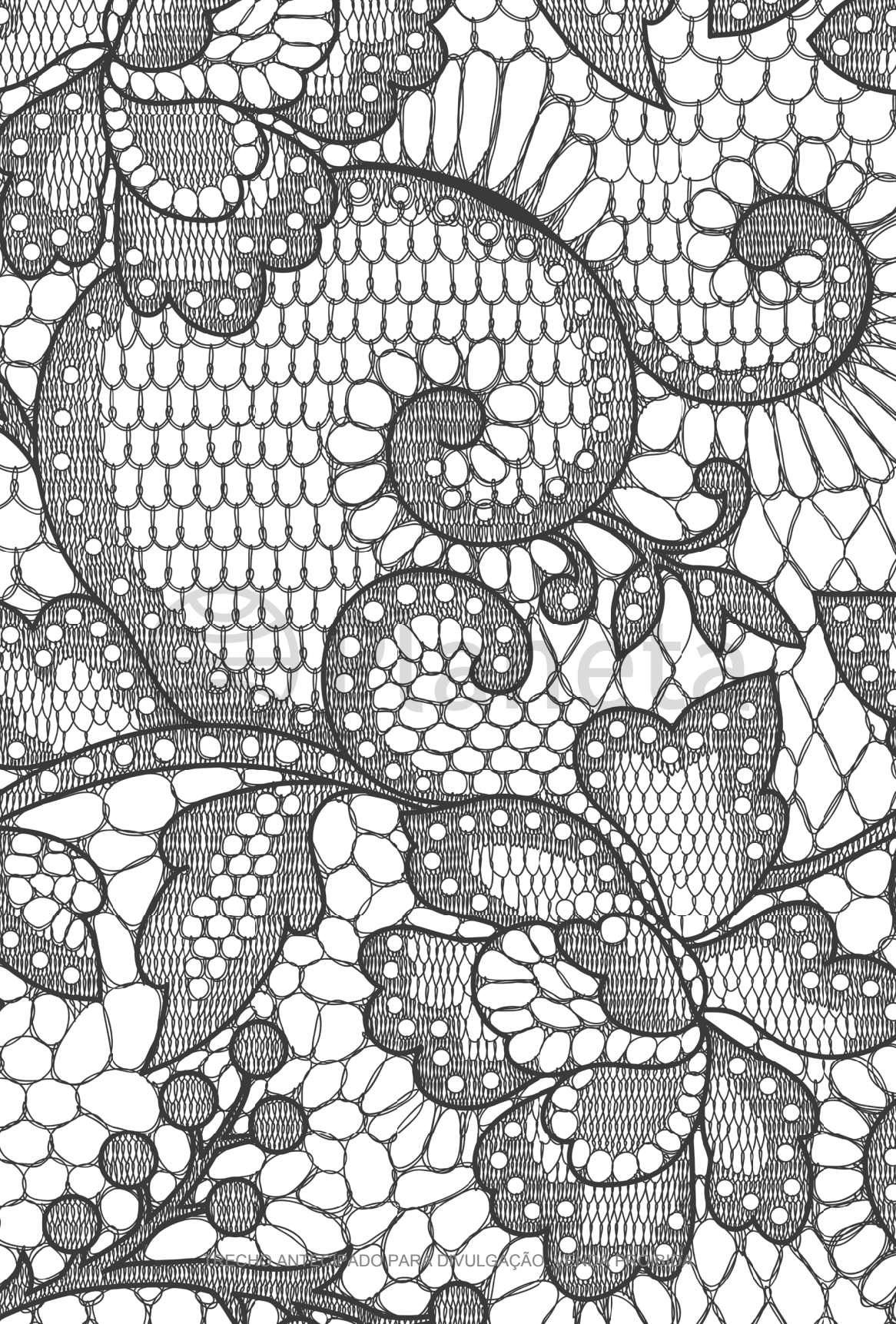
— ROMANCE —

A MALDIÇÃO DAS FLORES

*O destino de sete gerações
de mulheres traçado pelos
fios da renda*

 Planeta

TÍTULO AUTORIZADO PARA COLEÇÃO: VENDA PROIBIDA



ANGÉLICA
LOPES

ROMANCE

A MALDIÇÃO DAS FLORES

*O destino de sete gerações
de mulheres traçado pelos
fios da renda*



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Angélica Lopes, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Todos os direitos reservados.

Preparação: Ligia Alves

Revisão: Laura Folgueira e Elisa Martins

Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial

Imagens de miolo: baseadas em ilustração de Ajuga/istockphoto

Capa: Filipa Damião Pinto | Foresti Design

Imagens de capa: Sveta_Aho/istockphoto

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Lopes, Angélica

A maldição das Flores/ Angélica Lopes. – São Paulo: Planeta
do Brasil, 2022.

256 p.

ISBN 978-65-5535-731-8

22-1634

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

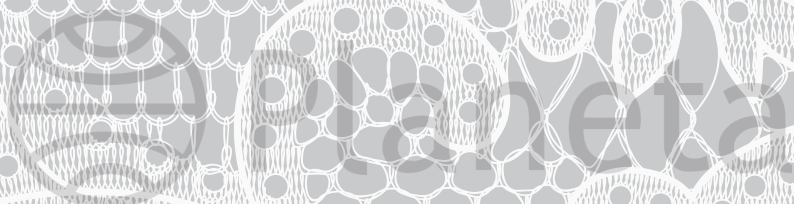
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

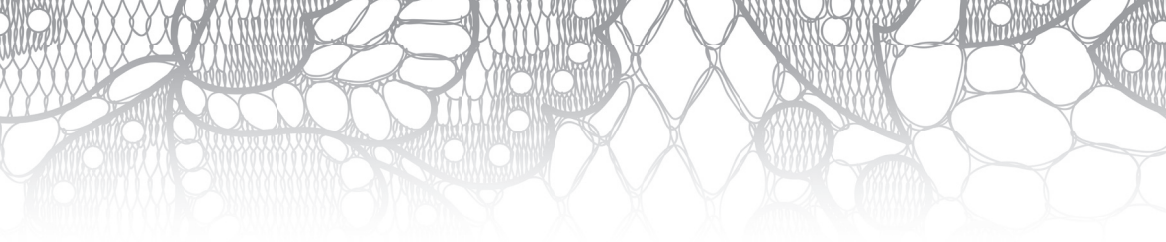
Rua Bela Cintra, 986, 4^a andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br





I

Sempre foi um ato de rebeldia, ainda que invisível.

Sabíamos que havia um risco no que fazíamos, e talvez fosse justamente o perigo de sermos descobertas, mesmo que pequeno a princípio, mesmo que pouco evidente aos olhos de todos, entrelaçado nos fios dos desenhos da renda que tão discretamente exibíamos em nossos lenços e véus, que fez crescer em nós a ousadia para nos arriscarmos mais e mais.

Não éramos todas parentes, mas estávamos unidas pela arte de combinar linha e lacê e transformá-los em padrões únicos. Aqui, neste pedaço de terra onde pequenos detalhes importam mais do que grandes acontecimentos, onde o chão de barro é tão marcado quanto o rosto de minha Tia Firmina – ambos esculpidos pelo tempo e pelas mágoas –, onde o destino das mulheres é reto e seco, tal qual um avesso imperfeito da única trama guiada exclusivamente pela nossa vontade: a renda. Já que os demais caminhos não nos pertenciam por inteiro.

Quem nos tornou senhoras desse saber foi minha amiga Vitorina, que, do alto de uma escada, espiou o segredo que viera da capital.

— O que fazes aí, menina? — Dona Hildinha perguntou, quando viu a filha espiando pelo vão do telhado do quarto de hóspedes.

— Me deixe, minha mãe, que estou a aprender algo que há de ser de grande valia.

Graças à curiosidade de Vitorina, a técnica de renda que havia séculos enfeitava altares na Europa, segredo de claustro, conhecido apenas pelas freiras dos conventos das grandes cidades, veio se firmar em nossa Bom Retiro.

Coisa do acaso, fio solto do destino, trazido pela prima de uma prima de outra prima de Vitorina, que, depois de ter seu segredo roubado, nunca perdoou minha amiga pela deslealdade.

A moça trabalhava como ajudante de cozinha de um convento de regras muito severas. Após anos de bons serviços, ganhou a confiança das religiosas, que lhe ensinaram a arte de rendar. Primeiro, ainda desconfiadas, as freiras lhe passaram apenas os pontos básicos, e só mais tarde, depois de muito observar a firmeza do caráter da moça e considerá-la merecedora de crédito, lhe mostraram os pontos mais elaborados.

A parenta de Vitorina tinha “mão de renda”, como se dizia, e sabia ser discreta, qualidade indispensável para as detentoras daquele segredo. Quando, na ocasião da época das festas de fim de ano, a moça avisou que iria partir para visitar parentes no interior, as freiras lhe aconselharam:

— Se fores rendar lá na tua terra, ponha-te longe da vista de todos.

Sempre respeitosa com as superiores, a moça obedecera à determinação. Para manter-se fiel à promessa feita diante dos santos, aquela prima de uma prima de outra prima de Vitorina rendava apenas quando estava sozinha no quarto de hóspedes, tendo apenas uma vela de sebo amarelado para lhe iluminar o trabalho.

Mas lá no alto da escada, decidida a descobrir o que a parenta tanto fazia naquele cubículo de janelas fechadas com o sol a pino, Vitorina espiava.

Tanto espionou que conseguiu memorizar cada movimento.

Curvada sobre uma almofada em forma de rolo, a hóspede trançava linhas que se transformavam em desenhos compostos pelos mais variados pontos.

Dois amarrados, vassoura, torre, nervura. Aranha, lua, pipoca.

Pôr do sol, amor seguro e – o meu ponto preferido – o ponto fundo de balaio, que me encantava não tanto pela forma, mas pelo nome, que parecia oferecer, ao mesmo tempo, uma ameaça e uma promessa. Espaço inexplorado, desconhecido, que pode significar sorte ou revés, moeda de prata ou escorpião, qualidade só revelada aos que têm coragem de se arriscar e meter a mão em seu interior.

É verdade que os pontos não se chamavam assim na época. Chegaram aqui no vale do rio Pajeú com nomes estrangeiros, dos quais nunca tomamos conhecimento. Mas, conforme nos acostumávamos a eles, fomos identificando suas semelhanças com as coisas do mundo e batizando um a um, como se fôssemos suas donas desde sempre.

Nas tardes em que passava debruçada sobre minha almofada, eu tentava imaginar que nome daria a um ponto se, por acaso, inventasse algum. Não que eu tivesse tal ambição. Mas, num momento de desatenção, a agulha embola no fio, entra por onde não devia entrar e lá está: um novo ponto passa a existir.

Seria, então, o primeiro ponto nascido nesta terra quente e não na terra estrangeira de onde vieram os primeiros, a um mar de distância deste sertão, trazidos pelas freiras e espiados por Vitorina do alto da escada.

Ponto riacho, ponto orvalho, ponto alvorecer.

Eram os nomes que eu havia secretamente escolhido para batizar meu primeiro ponto, que talvez nunca fosse inventado. Filho da caatinga de altitude, região onde também nasceu Virgulino, que, naquela época, no ano da graça de 1918, ainda estava se iniciando na vida de crimes e de quem só ouviríamos falar em Bom Retiro anos depois. Uma história de homens, ruidosa, tão diferente da nossa, que se deu de forma quase imperceptível, entre silêncios e sussurros.

Sempre acreditei que, quando pusesse os olhos em meu ponto inventado, saberia com que coisa do mundo ele se pareceria. Tal qual as mães fazem com os filhos. As que não o fazem se arriscam a

dar ao rebento um nome que não era para ser dele. Escolhe-se Nonato em homenagem a um avô e o menino teima em se parecer com Casemiro para o resto da vida. Daí a profusão de apelidos no mundo. Afinal, são as coisas que escolhem seus nomes, e não as gentes.

Assim que a prima de uma prima de outra prima de Vitorina voltou para o convento, o segredo espiado pelo vão do telhado foi passado a quem se dispusesse a aprender. Em pouco tempo, um pequeno grupo de mulheres, no qual eu me incluía, passou a se reunir diariamente para tecer toalhas, centros de mesa, panos para bandejas e guardanapos muitíssimo refinados.

Não demorou para que uma de nossas peças chegasse à capital, como um presente oferecido a uma dama de boa família, que mostrou o trabalho para outra dama de boa família, que, por sua vez, entre um sequilho e uma queijadinha à mesa do chá, mostrou para outra dama de boa família.

— Percebem a perfeição? Veio de um cafundó perto de Serra Talhada, mas parece feito na Europa. Será que há algum meio de encomendar?

As encomendas foram logo arranjadas.

Quando damas de boa família demonstram interesse por algo, sempre há quem aproveite a oportunidade para lhes facilitar a vida e tirar o seu quinhão.

Semanas depois, chegava à nossa cidade um senhor de terno escuro, suando mais do que os homens da terra e anunciando seu intuito de comprar nossa produção a um bom preço para nós e para ele.

Tia Firmina ficou responsável por tratar com o homem. Por ser a mais velha do grupo e por não ter filhos que lhe roubassem o tempo, podia dedicar suas horas a anotar os pedidos e fazer a contabilidade das vendas para depois repartir o ganho igualmente entre nós.

— Se não fosse por mim, esse sujeito passaria a perna em todas. Queria levar uma toalha de festa por uma ninharia, veja que patacoada. Sorte que eu estou aqui para defender nossos interesses — se gabava.

Quando as primeiras moedas trazidas pelo homem de terno escuro foram postas sobre a mesa, ficamos absortas a admirá-las por um momento que nos pareceu eterno.

Era como se não nos pertencessem. Itens de museu, com placa de “Favor não tocar” abaixo.

— É tudo nosso? — Vitorina perguntou, como se não acreditasse.

Até então, rendar era apenas um passatempo para nossas tardes quentes.

Algumas rendavam para si mesmas, criando vestidos para bailes que nunca aconteciam em nossa cidade.

Outras faziam colchas para o enxoval de um casamento que ainda não fora arranjado.

A exceção era Tia Firmina, que se dedicava a tecer sua própria mortalha.

— Entrarei no paraíso com a elegância que Nosso Senhor Jesus Cristo merece — anunciava, nos parecendo ansiosa demais por um momento que todos tendem a adiar.

Até onde sabíamos, dinheiro era um assunto exclusivo dos homens, que trabalhavam a terra e cuidavam do gado. Fossem patrões, donos das terras ou donos do gado. Fossem homens da lida, capangas ou mascates. Fossem nossos maridos, pais ou irmãos. O dinheiro era sempre deles.

Nós, mulheres, éramos apenas quem lhes tirava a mesa ou quem ordenava que outras mulheres lhes tirassem a mesa. Era o sobrenome desses homens, registrado em nossas certidões de nascimento e casamento, que determinava nosso lugar no mundo.

Era assim com a maioria, menos com a minha família.



Muitos acreditavam que as Flores carregavam uma sina, vítimas de uma maldição proferida por uma cigana em tempos passados. Mas,

para nós, viver sem homens à nossa volta era apenas a vida como nos fora apresentada.

“Eles não duram tanto, coitados”, minha mãe explicara a mim e à minha irmã, saudosa de meu pai, morto antes dos trinta e cinco, vítima de impaludismo.

Ela o amara profundamente, assim como amara seu pai, meu avô, e depois seu filho, meu irmão caçula, que não chegou a completar um ano de vida.

Minha mãe fora ensinada por sua mãe, que, por sua vez, também fora ensinada por sua mãe, que os homens da nossa vida estariam sempre de passagem, visitas apressadas que já chegam avisando que não vão se demorar. No máximo, um café, obrigado, já pegando o chapéu para sair.

Casavam-se conosco, nasciam de nossos ventres, mas, com o passar de alguns anos, simplesmente partiam, preocupados com o compromisso importante que teriam em seguida. Morriam de morte morrida, de morte matada, por desavença ou febre alta. Morriam novos, alguns na meia-idade, mas jamais víamos seus rostos enrugados e seus cabelos embranquecidos pelo tempo.

Como boas anfitriãs de suas existências, sabíamos ser nosso dever deixá-los o mais à vontade possível durante sua passagem por este mundo e fazer as despedidas mais afetuosas quando a hora derradeira chegasse. Por saber que o encontro seria breve, uma saudade já começava a nos atravessar o peito no momento em que os conhecíamos.

Quando minha mãe beijou meu pai pela primeira vez durante uma Festa de Santa Águeda, o encanto pelo rapaz surgiu entrelaçado à angústia de saber que os dois, ao darem o primeiro beijo, teriam um beijo a menos do total não muito extenso de beijos que lhes fora destinado. Ela precisava aproveitá-los intensamente.

Com a mesma naturalidade com que lidávamos com suas chegadas, no momento em que colocávamos uma rosa branca sobre suas lápides, tratávamos de arrumar a casa para a chegada da próxima

visita. Logo se iniciaria um novo ciclo, que terminaria numa partida tão prematura quanto as anteriores. Acostumadas àquele modo de viver já tão conhecido, não sofríamos nem questionávamos o porquê daquele destino, chamado pelo povo de “a maldição das Flores”.

Fosse por compaixão ou maledicência, era comum que os moradores de Bom Retiro nos lançassem olhares quando cruzavam conosco na rua. A boa gente da terra se condoía por não haver quem cuidasse de nós, achando que, por sermos mulheres, precisaríamos de mais do que nós mesmas para sobreviver. Já os mais desconfiados tinham a convicção de que algum pecado devíamos ter cometido para merecer o castigo. “Não se deixem enganar por elas. Alguma aprontaram”, era o que se comentava sobre nós, nem sempre pelas nossas costas.

Minha mãe não se deixava envenenar pelos fragmentos de frases que às vezes ouvíamos na igreja.

— A vida que se apresenta é a vida que se tem — ela nos ensinava. — Contrariar o destino só aumenta a dor. É preciso seguir o caminho que vai se formando à nossa frente.

— Essa gente não sabe de nada. — Tia Firmina não se conformava, ofendida com o falatório do povo. — Que guardem tanta piedade para si ou para os necessitados. Para quê, por misericórdia divina, precisaríamos de um homem por aqui? Alguém a soltar arrotos e a reclamar da consistência da marmelada? Não sei qual seria a valia de ter um estorvo desses atravancando a casa.

Minha tia orgulhava-se de ter dedicado sua existência a uma única figura masculina: Nosso Senhor Jesus Cristo. E talvez por isso tenha sofrido menos que minha mãe, que carregava escondido no peito, mas evidente no olhar, o luto da viuvez e da perda do único filho varão.

— Pelo menos eu os amei imensamente. É melhor a saudade do que o vazio — minha mãe reafirmava para mim e para minha irmã, toda vez que Tia Firmina sugeria que deveríamos seguir a vida religiosa para evitar as lágrimas que estavam por vir.

— A escolha será delas, Firmina. Deixe as meninas.

Mas minha tia não se conformava:

— É certo que não serão felizes, Carmelita. Ademais, uma freira na família é entrada certa para o céu. Eu digo isso por vocês, porque minha alma já está mais do que salva.

Apesar da quantidade de velórios que já havíamos presenciado naquela casa, vivíamos felizes. Tínhamos nossos homens presentes nas fotos na parede e em nossas lembranças. Umas ternas, outras duras. Outras nem isso. Do meu pai, lembro-me do cachimbo que eu acreditava ser uma extensão da sua mão e que deixava a casa com um cheiro morno e amadeirado. E de seu assobio.

Foi ele quem ensinou a mim e a minha irmã Cândida a reconhecer as aves pelo canto. Era comum passarmos as tardes em seu colo, enquanto ele assobiava a melodia de um sabiá-laranjeira ou de um bem-te-vi, para que soubéssemos diferenciá-los. Hoje, mesmo após tantos anos da sua morte, escuto o assobio do meu pai no canto de cada passarinho.

Apesar do nosso sobrenome de família ser originalmente Oliveira, nos chamavam de “as meninas Flores”. A confusão começou em parte pelo jardim bem cuidado que tínhamos em frente à nossa casa e também por morarmos no caminho de quem vai para a igreja matriz. Na época, quando um viajante recém-chegado a Bom Retiro pedia indicação sobre o caminho para a igreja, o povo geralmente respondia: “Siga até a casa das flores e vire à direita”.

A casa das flores era, a princípio, apenas uma casa com jardim de marias-sem-vergonha, jitiranas, pentes-de-macaco, malvas-brancas e muçambês roxos. Mas com o tempo, de tanto ser dito, redito e nunca desdito, nossa casa de janelas azuis passou a ser conhecida como a Casa das Flores, mesmo sendo a Casa das Oliveiras. O jar-

dim virou sobrenome e, com o passar do tempo, acabamos o incorporando também aos nossos documentos.

Foi justamente por sermos as Flores que não pareceu estranho aos moradores de Bom Retiro que a tragédia ocorrida tivesse ligação com a casa de janelas azuis onde os encontros do nosso grupo de rendeiras aconteciam.

— Isso é coisa das Flores — foi o que se comentou na época.

Mas não merecíamos o crédito. Tudo o que se passou no início daquele ano de 1919 nasceu da angústia de minha amiga Eugênia, que nascera Damásio Lima, mas estava prestes a se tornar uma Medeiros Galvão.

